

Ensino de contrabaixo acústico em projeto social: relato de experiência no projeto ação social pela música na cidade de João Pessoa/PB

Rainere de Azevedo Travassos

Universidade Federal da Paraíba

raineretravassos@hotmail.com

Resumo: O presente relato tem como objetivo apresentar a experiência vivenciada na prática docente do componente curricular estágio supervisionado II da Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba, a qual foi realizada no projeto social “Ação social pela música” no bairro do Alto do Mateus, João Pessoa/PB, no período de agosto a novembro de 2017. As aulas foram ministradas numa turma de alunos iniciantes de contrabaixo acústico. A proposta foi centrada no estudo introdutório do contrabaixo acústico com ênfase no repertório orquestral trabalhado pelo projeto. A partir da nossa prática, refletimos sobre os objetivos do ensino de música em projetos sociais e sobre o papel do professor, verificando que cabe ao professor não limitar seu trabalho aos aspectos musicais tradicionais.

Palavras-chave: Projeto social. Ensino de música. Contrabaixo acústico.

Introdução

A experiência relatada é resultado da disciplina estágio supervisionado II, na qual compete ao aluno atuar em contextos não formais do ensino de música. Assim sendo, o estágio foi realizado no projeto Ação Social pela Música, o qual é vinculado a FUNJOPE (Fundação Cultural de João Pessoa), entidade que pertence ao município de João Pessoa.

O referido projeto é um núcleo da Ação Social Pela Música do Brasil (ASMB)¹ e foi implantado no Estado da Paraíba em 2015, no Bairro do Alto do Mateus, João Pessoa. De maneira geral, o objetivo do programa, quanto à educação musical, é o ensino de música orquestral, com foco em instrumentos de cordas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo).

¹Ação Social pela Música é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que, em sua vertente socioeducacional, visa à inclusão social e à formação da cidadania, através do ensino da música clássica, para crianças, adolescentes e jovens residentes em comunidades em situação de vulnerabilidade social. Coordena e administra atualmente 9 núcleos, dos quais 4 na cidade do Rio de Janeiro, a saber, Chapeu Mangueira, Alemão, Macacos e Cidade de Deus, que englobam mais de 19 comunidades pacificadas, 2 na cidade de Petrópolis nos bairros Duarte da Silveira e Vale do Cuiabá, além dos núcleos de Pirai, João Pessoa e Ji-paraná em Rondônia. Na vertente cultural, a ASMB promove há mais de quinze anos, a formação de orquestras jovens de música clássica em todo o território nacional, como a Orquestra Jovem do Brasil e a orquestra Mercosul. Com o objetivo de fomentar a cultura da música clássica proporcionando a fruição e o acesso amplo da população (<http://www.asmdobrasil.org.br/quem-somos.html>)

Além das aulas de músicas, realizadas de segunda a sexta, das 13h às 17h, o projeto oferece aulas de reforço de português e matemática, por isso identifica-se como um projeto social que alia o ensino musical à educação formal².

Participam do projeto cerca de 80 (oitenta) alunos na faixa etária de 5 a 16 anos. O projeto foi escolhido para realização do estágio, tendo em vista a existência de alunos de contrabaixo acústico. A proposta de estágio norteou-se pelo estudo introdutório do contrabaixo acústico com ênfase no estudo do repertório orquestral trabalhado pelo projeto.

O ensino de música em projetos sociais

O ensino de música em projetos sociais (públicos ou privados) como o objetivo de inclusão e cidadania é uma realidade no nosso país, a exemplo, dos projetos, Ação Social Pela Música³⁴ (Brasil/João Pessoa), Neojiba⁵ (Bahia), Orquestra Criança Cidadã⁶ (Pernambuco), PRIMA⁷ (Paraíba).

Tais projetos, de maneira geral, visam à inclusão através da música de pessoas que vivem em risco social trabalhando com o ensino coletivo de música, principalmente, formação de orquestras. De acordo com Ribeiro (2012),

A participação de crianças, adolescentes e jovens em aulas de música não deixa de ser uma forma de afastá-los do crime, das drogas e da violência. A música apresenta-se, então, como um importante elemento de formação de identidade e construção da cidadania onde agentes multiplicadores de cultura assumem o papel de transformadores da realidade social. Mais do que isso, a formação musical e de cidadania tem proporcionado desenvolvimento pessoal e possibilidade de profissionalização. Nesse sentido, o ensino coletivo de Música permite desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, interagir socialmente e atuar em colaboração (RIBEIRO, 2012, p. 8-9).

²<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/projeto-nacional-que-da-aulas-de-musica-classica-a-jovens-do-alto-do-mateus-sera-lancado/>

³<http://www.asmdobrasil.org.br/index.html>

⁴<http://asmb.joaopessoa.pb.gov.br/index.html>

⁵<http://neojiba.org/>

⁶<http://www.orquestracriancacidadada.org.br/>

⁷<http://primaparaiba.com.br/>

Além do aspecto da inclusão social e promoção da cidadania, os projetos sociais de ensino de música apresentam como característica marcante o ensino coletivo. Para Cruvinel (2003, p. 02),

O Ensino Coletivo é uma importante ferramenta para o processo de democratização do ensino musical, contribuindo de forma bastante significativa neste processo. A musicalização através do ensino coletivo, pode dar acesso a um maior número de pessoas à Educação Musical, aumentando a razão professor/aluno por esforço hora/aula ministrada. Alguns projetos ligados a essa filosofia de ensino vêm surgindo no país, alcançando êxito, tanto na área pedagógica quanto na social. Pode-se afirmar que o estudo da música, através do ensino coletivo, veio democratizar o acesso do cidadão à formação musical.

Apesar dos pontos positivos, cabe ponderar que projetos com as características citadas são alvos de questionamentos, considerando, sobretudo a concepção de música e do seu ensino, bem como o perfil do professor participante. Neste sentido, destacamos a seguinte reflexão:

A questão, a nosso ver, é que nesse projeto estão sendo reproduzidos, sem questionamentos, valores e tradições de um ensino de música baseado num modelo tradicional, acadêmico, baseado no padrão da música erudita. Um ensino voltado para formar o solista, o virtuoso, reforçando a noção de talento e o mito do dom (PENNA; BARROS; MELLO, 2012, p. 74)

Um dos fatores para ampliar e aprimorar o ensino de música em tais projetos é a formação do professor, pois na maioria dos casos, o professor é um músico sem formação pedagógica que se concentra em transmitir toda tradição do conservatório. De acordo com Penna, Barros e Mello (2012, p. 76)

[...] a formação do professor não se esgota apenas no domínio da linguagem musical, sendo indispensável uma perspectiva pedagógica que o prepare para compreender a especificidade de cada contexto educativo e lhe dê recursos para a sua atuação docente e para a construção de alternativas metodológicas (apud Penna, 2007, p. 53).

O ensino de música em projetos sociais requer do professor habilidades que vão além dos aspectos teóricos e práticos ligados à profissão de músico, pois em um projeto social o papel exercido é de educador musical, de professor que serve de modelo para os alunos como pessoa humana e não apenas como músico (KATER, 2004).

Nesse sentido, Kater (2004) define 5 (cinco) prioridades do trabalho pedagógico e 5 (cinco) atributos fundamentais do educador musical no exercício pedagógico em projetos sociais. As prioridades são: estabelecer um vínculo afetivo; flexibilizar o processo didático-pedagógico; equilibrar liberdade e limite, ação individual e coletiva; intensificar e promover a ludicidade para esclarecer comportamentos, emoções e sentimentos; valorizar o indivíduo, através de uma metodologia de ensino construtiva e sincera (KATER, 2004, p. 47).

Já os atributos fundamentais compreendem:

1) perceber como está se processando o fazer criativo do grupo e manter a proposta em função dos objetivos originais; 2) fornecer regularmente as informações necessárias para o entendimento e prosseguimento do trabalho; 3) limitar as frustrações de aprendizado sem porém abafar o conflito interno (pessoal), necessário ao processo educativo, por um lado incentivando e agindo positivamente, por outro abrindo mão da perfeição, do julgamento, da crítica; 4) solicitar um melhor desempenho do aluno quando sua atuação for fácil ou medíocre demais, apontando suas potencialidades pessoais, bem como as possibilidades de exploração dos materiais ou da atividade; 5) adaptar a proposta ao nível dos participantes, modificando o plano original ou oferecendo ilustrações sugestivas, a fim de que não se desinvistam da aprendizagem (KATER, 2004, p. 47-48).

Como exposto, o ensino em projetos sociais exige do professor características que a experiência apenas com a profissão de músico não é suficiente, pois a atmosfera de trabalho e o público-alvo são diferentes do que habitualmente é vivenciado nos locais em que os músicos atuam, assim cabe ao profissional refletir sobre as práticas e adequar-se à realidade, buscando a qualificação necessária, já que o professor será o espelho do aluno.

A experiência no projeto ação social pela música

Como dito, o estágio foi realizado no bairro do Alto do Mateus no núcleo do projeto ação social pela música na cidade de João Pessoa. Antes do início das aulas, realizei 3 (três) visitas, nas quais observei o aspecto físico e o funcionamento do projeto, bem como assisti aulas nas turmas de contrabaixo, ensaios das orquestras e conversei com os professores (supervisor e coordenador) sobre a proposta para o estágio.

O local onde funciona o projeto é um prédio alugado. O imóvel tem 9 (nove) salas, uma sala para cada naipe (sala dos contrabaixos, sala dos violoncelos, sala das violas, sala dos 2^{os} violinos e sala dos 1^{os} violinos). Além dessas salas, o espaço contém mais 2 (duas)

salas onde acontecem as aulas de teorias com duas turmas, turma “A” e turma “B” (turma “A” alunos veteranos e turma “B” alunos iniciantes). Nas outras 2 (duas) salas, funcionam a diretoria e uma sala para os alunos pequenos que ainda não tem a idade para participar das aulas de música.

Existe também uma cozinha, onde é servido o lanche dos alunos, um salão grande onde acontecem as reuniões, ensaios e concertos e um minicampo de futebol com árvores onde os alunos se divertem no intervalo. Trata-se de um ambiente utilizado exclusivamente pelo projeto.

A equipe de professores é formada por 5 (cinco) professores de instrumentos (1 de contrabaixo, 1 de violoncelo, 1 de viola, 1 professor para os violinos 2º e outro professor para os violinos 1º), além de 2 (dois) professores de teoria, mais uma merendeira e uma pedagoga na sala infantil. Há também o coordenador do núcleo que também é o maestro das orquestras. Assim, a equipe é formada por 10 (dez) pessoas.

Considerando a descrição do projeto, verifiquei que se trata de uma estrutura muito boa, na qual existe espaço e assistência para os alunos. Destaco um importante aspecto relacionado ao ensino de contrabaixo acústico: instrumentos em tamanho adequado para crianças e adolescentes.

Especificamente, quanto aos alunos de contrabaixo, existem 2 (duas) turmas totalizando 8 alunos divididos nas turmas “A” (alunos veteranos) e “B” (alunos iniciantes). As aulas foram realizadas na turma “B”, formada por 4 alunos iniciantes, 3 meninas e um menino, na faixa etária de 9 a 14 anos.

Como foi disponibilizada a turma de alunos iniciantes, os professores sugeriram que eu trabalhasse aspectos introdutórios da prática musical no contrabaixo acústico, considerando o repertório que os alunos devem tocar na orquestra.

Assim, a proposta de estágio enfocou os seguintes pontos: estudo básico do contrabaixo acústico, apresentação sobre a estrutura do instrumento, postura e introdução à técnica de mão esquerda e posição de arco, técnica de cordas soltas/distribuição de arco, escalas e arpejos em uma oitava: Sol maior e Dó maior, repertório de orquestra pré-estabelecido.

Foram estabelecidos os seguintes objetivos: conhecer as partes do instrumento e tocar com a postura adequada; conhecer e executar as três partes do arco: talão, meio e

ponta; executar estudos e repertório de cordas soltas; executar na 1ª posição as escalas e arpejos de Sol Maior e de Dó Maior em uma oitava; participar de ensaios e apresentações da orquestra B executando o repertório.

Quanto aos aspectos metodológicos, as aulas foram predominantemente práticas. Como eram apenas dois contrabaixos para 4 (quatro alunos), procurei sempre os dividir em duplas, para que todos tocassem e se ajudassem revezando a leitura e a prática instrumental.

No plano de curso estavam previstas 16 horas de aula divididas em 8 (encontros). Apesar de realizar os 8 (oito) encontros, nos 2 (dois) últimos não tivemos aulas, pois em um ocorreu uma apresentação e em outro uma reunião com pais.

Esses dois momentos, também foram importantes, pois na apresentação vivenciei toda expectativa dos alunos em está em foco e concentrar todo aprendizado das aulas para fazer o melhor ao tocar na orquestra em uma apresentação em público.

Já na reunião com os pais, ouvi a preocupação e a consciência em relação ao papel deles para com os filhos, já que enfatizaram que existem comportamentos que devem ser ensinados em casa e que os professores não podem ensinar tudo. Eles também destacaram a importância do projeto para seus filhos, como uma oportunidade que não tiveram.

FIGURA 1 – Reunião de pais



Fonte: o autor

Em relação às aulas, no aspecto de objetivos alcançados, conteúdos e atividades trabalhadas, assim como a avaliação dos alunos, a turma me surpreendeu, pois, para ser uma turma de iniciantes, tinham uma boa experiência com a teoria musical, liam e tocavam

os exercícios e músicas propostas, não tinham vergonha de tocar para os outros e tinham facilidade para decorar as músicas da orquestra.

Apesar de ter que trabalhar o repertório da orquestra e perceber que em relação a algumas músicas os alunos já se mostravam desmotivados, tive oportunidade de elaborar uma atividade para sanar uma dificuldade técnica dos alunos e obtive um bom resultado, pois o exercício proposto ajudou os alunos a superarem a dificuldade apresentada na execução de uma música do repertório. Além disso, percebi que os alunos gostavam quando tocava alguma passagem mais difícil de uma música para eles de forma explicada e lenta.

Como narrado, consegui desenvolver o que era proposto para as aulas, no entanto, destaco como dificuldade a concentração dos alunos. Em algumas aulas, os alunos se mostravam agitados, assim procurava iniciar a aula com relaxamento e alongamento, o que requeria paciência de minha parte, mas conseguia que eles cedessem e participassem da atividade, procurando demonstrar a importância de desacelerar para render mais nas aulas.

Outro aspecto que procurei alertá-los, foi o respeito de uns com os outros, pois aconteceram algumas divergências e bate-boca entre os alunos. Procurava sempre dialogar e fazer com que eles refletissem sobre as suas atitudes eram saudáveis para com os seus colegas.

Cabe destacar também, a relação dos alunos com o professor supervisor, pois, na maior parte, refletia o modelo conservatorial, em que o professor é o detentor do saber e exerce supremacia sobre os alunos, inclusive, em alguns momentos, os alunos se queixavam de o professor tocar as músicas “muito apressado”, o que dificultava seu entendimento. Como ponto positivo, destaco a preocupação do professor em fazer arranjos de música popular em que o contrabaixo figura como solista.

Outra relação que merece ser comentada é a estabelecida entre os alunos e o maestro (professor coordenador), os alunos quando estão ensaiando na orquestra possuem outro comportamento, ficam calados e o encaram como uma autoridade que a qualquer momento pode lhes dá uma bronca.

FIGURA 2 – Alunos no ensaio da orquestra



Fonte: o autor

Particpei do ensaio com os alunos e percebi que eles gostaram da minha presença, pois procurei interagir e ajuda-los seja afinando os instrumentos, seja passando algumas dicas para execução das músicas.

De maneira geral, avalio que consegui cumprir com o plano de estágio e ter uma boa relação com os alunos, procurando dialogar e ensinar não apenas o aspecto musical, mas faze-los perceber suas relações com os colegas e com o professor.

Considerações Finais

Apesar do trabalho em projeto social não ser uma experiência nova para mim, pois já atuo em tal atividade há 5 (cinco) anos, o estágio foi muito importante, principalmente, por ter ministrado aulas de contrabaixo acústico para crianças.

Como visto, o projeto em questão reflete muito das preocupações da educação musical em relação aos projetos sociais, quais sejam: a concepção sobre música e ensino de música e a formação do professor.

Em relação a esses aspectos, destaco o próprio site do projeto que indica quais seus objetivos e o perfil dos professores:

Alcance Social

O programa trabalha em favor do desenvolvimento social e humano de crianças, adolescentes e jovens moradores de áreas vulneráveis e com alta incidência de tráfico e criminalidade. Nos núcleos, eles aprendem a tocar instrumentos de corda e de sopro, em aulas de prática orquestral e teoria musical.

O primeiro núcleo de João Pessoa por enquanto, inicia com os instrumentos de corda, a exemplo de violino, violoncelo, contrabaixo e viola. A finalidade última do programa centra-se no empreendedorismo de jovens talentos, com a criação dos conjuntos de câmara. Mas primeiro de tudo, é preciso estimular o gosto pela música, agregando os benefícios que o aprendizado musical traz para o desenvolvimento cognitivo⁸.

Metodologia

Para um ensino de qualidade, o núcleo da Ação Social pela Música em João Pessoa aproveita como instrutores músicos da Orquestra Sinfônica Municipal de João Pessoa (OSMJP), com a utilização de diversos métodos, incluindo o Suzuki, que encara o ensino sob a ótica da diversão. As atividades incluem aulas teóricas, individuais, estudos dirigidos e prática de orquestra⁹.

Como visto, o projeto é norteado por uma concepção tradicional do ensino de música e da formação do músico, com ênfase no modelo conservatorial, verificado-se, no decorrer das aulas, exemplo da tradicional hierarquia entre alunos avançados *versus* iniciantes, professor/músico *versus* aluno, maestro/coordenador *versus* professor/músico.

Sobre os contrastes existentes nos projetos sociais, em relação aos profissionais participantes, Kater (2004, p. 47) destaca que, de um lado, mesmo que inconscientemente, são reproduzidos e alimentados modelos caracterizados por autoritarismo, excesso de competição, concorrência, alheamento de si; de outro, verifica-se ausência de reflexão sobre os modelos didático-pedagógicos para garantir relações interpessoais (aluno professor, instituição ou demais alunos) saudáveis.

Além da experiência em projetos sociais, o fato de estar cursando a licenciatura e ter contato com os conhecimentos pedagógicos foi essencial para permitir que enxergasse que o processo de ensino-aprendizagem para as crianças e adolescentes em situação de

⁸<http://asmb.joaopessoa.pb.gov.br/index.html#section-alcance>

⁹<http://asmb.joaopessoa.pb.gov.br/index.html#section-metodologia>

risco social, requer um olhar diferenciado, no sentido de que o papel ali exercido não é de ensinar apenas notas musicais, mas estar aberto ao diálogo, promover a socialização do conhecimento e formação humana dos alunos.

Referências

CRUVINEL, Flavia Maria. *Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: a educação musical como meio de transformação social*. Goiânia: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Escola de Música, 2003, 321 f.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 10, 43-51, mar. 2004

PENNA, Maura; BARROS, Olga Renalli Nascimento e; MELLO, Marcel Ramalho de. Educação musical com função social: qualquer prática vale? *Revista da ABEM*, Londrina, V. 20, 65-78 jun. 2012

RIBEIRO, Raimundo Luiz. *Inclusão através do projeto Música no Munim: musicalizando crianças e jovens*. São Luis: Monografia de Licenciatura em Música – Universidade Federal do Maranhão, 2012, 40f.